Dia 8 — Do primeiro milagre que fez Cristo nas bodas de Caná, do qual a Igreja faz menção no dia da Epifania

Se este dia cair em domingo, transfere-se como o precedente.

Para que o Filho de Deus se manifestasse no mundo, não tinha necessidade de outra coisa senão deixar-se ver nele. Mas, como a maior parte dos homens não acerta a crer se não vê coisas extraordinárias, e como o Senhor pregava a um povo material e grosseiro, a quem nada impressionava senão o que entrava pelos sentidos, quis, por sua bondade, acomodar-se à sua fraqueza e julgou que, para convencê-los da verdade de sua doutrina, era preciso fazer obras de estrépito e de ruído, descobrindo sua divindade por meio de milagres.

Mal saiu Cristo do deserto, onde estivera retirado por espaço de quarenta dias, e mal começava a dar-se a conhecer no mundo, foi convidado para umas bodas em Caná, pequeno lugar da província da Galileia. Assistiu também a elas sua santíssima mãe e os discípulos que já então o seguiam e eram apenas quatro ou cinco. Sem dúvida quis dar-nos a entender, naquele concurso, que não somente se encontra a Deus no retiro, mas também se pode achá-lo nas funções e nos banquetes do mundo, quando nos chamam a eles a caridade, a necessidade ou a atenção cortesã.

Sentou-se à mesa a mãe junto ao filho e, como a caridade, mais que algum outro motivo humano, a havia levado ao banquete, reparou, perto do fim da refeição, que o vinho se havia acabado. Resolveu remediar essa falta sem fazer ruído. Voltou-se para Jesus, persuadida de que bastava representar-lhe a necessidade para que fizesse o milagre, e contentou-se em dizer-lhe simplesmente: Não têm vinho. A resposta do filho pôde parecer-lhe algo seca, se ela não tivesse penetrado bem o mistério e o sentido: Mulher, que tens tu com isso? Eu farei o que convém, e o farei a seu tempo. Maria não lhe replicou; mas chamou os serventes e, em voz baixa, preveniu-os de que fizessem tudo quanto ele lhes mandasse.

Havia na mesma sala seis grandes vasilhas de pedra, preparadas para as purificações que muito costumavam os judeus, especialmente nas festas e banquetes grandes. Cada vasilha continha duas ou três medidas, que correspondem a oitenta almudes. Mal a santíssima Virgem acabara de fazer aquela advertência aos serventes, Cristo lhes disse: Enchei essas vasilhas de água. Fizeram-

no assim, enchendo-as até transbordar; e acrescentou então o Salvador: Levai agora de beber ao arquitriclino, ou mordomo do banquete. Ordinariamente fazia esse ofício um dos sacerdotes, a quem incumbia dar ordem em todas as coisas e cuidar que tudo se fizesse com gravidade e modéstia. Provou este a bebida e, chamando à parte o noivo, que andava de mesa em mesa dando providências para que nada faltasse e a comida se servisse com ordem e pontualidade, disse-lhe sorrindo: « Que é isto? Que susto nos pregaste? Os outros servem o melhor vinho no começo da mesa e, quando os convidados já estão fartos de beber, tiram o pior. Tu seguiste outra moda muito contrária: tiraste o vinho mais ordinário no começo e reservaste o mais generoso para a sobremesa. » Provaram o novo vinho os convidados, e todos o julgaram excelente. Examinaram-se os criados, e unanimemente declararam que eles haviam enchido de água as vasilhas; com o que todos ficaram igualmente convencidos e admirados do milagre. Esse foi o princípio das maravilhas com que o Salvador manifestou sua glória e seu poder, o que não contribuiu pouco para confirmar na fé os seus discípulos.

Quão felizes seriam os matrimônios se Cristo se achasse em todas as bodas! Quão cristãos os banquetes, as reuniões, as diversões, se o Filho de Deus fosse convidado a eles! Nada nos faltaria em nossas necessidades, como não nos faltaria a confiança, e tivéssemos a Deus presente nelas.

O primeiro milagre que fez o Salvador foi a pedido de sua santíssima Mãe, e parece até que por seu respeito antecipou o tempo de ostentar suas maravilhas. Felizes os que alcançam a proteção de mãe tão poderosa. Todas as graças derivam de Jesus Cristo como de sua origem; mas a Virgem tem grande parte na distribuição de todas elas. Que consolo para os que são verdadeiramente devotos desta Senhora! Duas coisas principalmente concorreram para esse milagre: a intercessão da Virgem e a rendida obediência dos serventes. Queremos que a mãe se empenhe em nosso favor junto ao seu filho? Pois sejamos servos obedientes e fiéis. Em vão se implora a proteção da mãe se se faz profissão de ofender e desobedecer ao filho.

Necessita-se de vinho, e Cristo manda que se traga água. A obediência, para ser perfeita, deve ser cega. Tantos discursos carnais, tanta prudência humana esterilizam a devoção e destroem aquela docilidade religiosa de que fala o Salvador e que só caracteriza os verdadeiros discípulos de Cristo. Obedeçamos a Deus pontualmente, não nos metamos a inquirir o que depois sucederá. Deus sabe sempre alcançar seus fins, e nossos fins não devem ser outros que os de Deus. Faze sempre o que te diz, e farás sempre o que deves.

Se os assistentes à mesa tivessem sido menos dóceis, talvez Cristo não tivesse sido tão benéfico. Contentemo-nos com representar a Deus nossas necessidades espirituais e corporais com resignação, com humildade e com confiança. Interessemos sempre em nosso favor a santíssima Virgem por meio de uma devoção terna e sólida; e estejamos seguros de que o Senhor proverá a tudo quando o julgar oportuno para nossa salvação e para sua glória. Muitas vezes faz como se não nos ouvisse, e é para provar-nos e para atender-nos melhor.

Lança-se água nas vasilhas, e as vasilhas se encontram cheias de vinho. Deixemos agir a Providência e acharemos o nosso proveito. Não poucas vezes desconcertamos sua ordem e sua economia a nosso respeito por querer ter demasiada parte nos sucessos. Quereríamos, por assim dizer, ser os únicos artífices de nossa fortuna. Desenganemo-nos: nossos alcances são muito

débeis, são muito limitados e não nos podem ser muito úteis. Rendamo-nos às ordens da Providência; não ponhamos estorvos aos desígnios de Deus; tenhamos uma firmíssima confiança em sua bondade e em sua misericórdia; enfim, deixemo-nos governar, que o Senhor cuidará de tudo.

Pelo testemunho de Santo Epifânio sabe-se indubitavelmente que a festa deste primeiro milagre se celebrava no século IV no dia 6 de janeiro. Não era isso supor, como nota Santo Agostinho, que neste mesmo dia se tivesse operado o milagre, mas que a Igreja celebrava sua memória neste dia, em que se juntavam as três principais manifestações da glória e da divindade de Jesus Cristo sob um só nome de Epifania. Porque, como acrescenta o mesmo padre, embora nesses três mistérios as opiniões sejam diversas, nossa fé e nossa devoção é uma mesma [^1]: *Una tamen sanctæ devotionis est fides: in omnibus Dei filius creditur, in omnibus festivitas est vera.* Quer as manifestações tenham sucedido no dia em que a Igreja as celebra, quer tenham concorrido em dias diferentes, sempre é o mesmo Cristo o que é honrado por elas, sempre é a mesma festividade a que se solemniza, sempre é a mesma divindade a que se reconhece e se adora: *In omnibus festivitas est vera.*

O mesmo Santo Epifânio refere um prodígio bem extraordinário, assegurando-nos que sucedia em seu tempo. Diz que no dia da Epifania se viam muitas fontes, e até alguns rios, cuja água ou se convertia em vinho ou ao menos tomava o gosto e a cor desse licor. Certifica que ele mesmo provou o vinho de uma dessas fontes, que estava em Cibira, povoado da Ásia Menor. Acrescenta que outros asseguravam que sucedia o mesmo em não sei que parte do Nilo. Seria imprudência, e até pecar por temeridade, pôr em dúvida a verdade de um fato que depõe um homem tão santo, como testemunha ocular ou experimental, e que tantos grandes homens confirmaram depois.

Pode-se acrescentar ao culto desta festa a veneração com que se guardam as hídrias ou vasilhas que serviram de instrumentos ao milagre. É muito verossímil que por essa circunstância as tivessem conservado cuidadosamente, fosse por curiosidade ou por devoção. Diz-se que os príncipes do Ocidente as encontraram na Palestina no tempo das Cruzadas e que trouxeram algumas à Europa. Mostram-se quatro em Paris, Puy, Tongres e Colônia. Não há razão para negar que sejam as mesmas que serviram nas bodas de Caná; porque é certo que vieram da Judeia, que são da mesma figura e que tinham o mesmo destino que as que serviram ao milagre.

Santo Luciano, Presbítero e Mártir

Santo Luciano, dito de Antioquia, era de Samósata, na Síria. Tendo perdido os pais, distribuiu todos os seus bens aos pobres, a fim de servir a Deus com o mais perfeito desprendimento das coisas visíveis. Ao estudo da retórica e da filosofia, em que havia feito os mais rápidos progressos, substituiu o das santas Escrituras, escolhendo por mestre um tal Macário, que então ensinava em Edessa com muita reputação. Ordenado sacerdote, não se ocupou mais que em atrair os outros à virtude por meio de seus discursos e exemplos. Não contente com isso, e persuadido de que um sacerdote deve à Igreja o uso de seus talentos, empreendeu dar uma nova edição dos livros santos, na qual se corrigissem todas as faltas que se haviam introduzido no texto do Antigo e do

Novo Testamento, seja pela inexatidão dos copistas, seja pela malícia dos hereges. Essa nova edição mereceu um apreço universal e foi de grande uso para São Jerônimo.

Suspeitou-se da fé de nosso santo por causa do testemunho pouco favorável que dele dá Santo Alexandre, bispo de Alexandria, dizendo que Luciano viveu separado da comunhão da Igreja sob três bispos consecutivos de Antioquia, por ter-se mostrado partidário de Paulo de Samósata. Mas, além de que alguns críticos pensam que o Luciano de que fala Santo Alexandre é outro que não nosso santo, fundando-se para isso no silêncio de Eusébio, de São Crisóstomo e de São Jerônimo, que nada dizem de sua excomunhão, é mais que provável que o santo se deixou levar de boa-fé ao partido de Paulo de Samósata, heresiarca muito artificioso; e de todos os modos é certo que morreu no seio da Igreja católica, como se prova por tê-lo esta contado sempre no número de seus mártires e pela confissão de fé escrita pelo mesmo santo, que foi aprovada por quarenta bispos reunidos em Antioquia no ano de 341 e na qual condena a heresia de Paulo de Samósata e estabelece a divindade do Verbo. Assim, em vão pretenderam depois os arianos citá-lo como seu pai, supondo que Ário havia recebido dele a sua doutrina.

Embora Luciano fosse presbítero de Antioquia, achava-se em Nicomédia no ano de 303, quando o imperador Diocleciano publicou ali seus primeiros editos contra a religião cristã, e foi preso com muitos outros pela fé. Do fundo de sua prisão escreveu aos fiéis de Antioquia uma carta que terminava assim: « Todos os mártires vos saúdam. Dou-vos a notícia de que o papa [^2] Antimo terminou sua carreira com o martírio. » Como a data desta carta seja do ano 303, e o santo não tenha recebido a coroa do martírio, segundo a relação de Eusébio, senão depois da morte de São Pedro de Alexandria, ocorrida em 311, resulta que o santo deve ter estado nove anos na prisão. Conduzido por fim diante do tribunal do governador, ou do próprio imperador, porque de um e de outro pode entender-se a palavra grega de que se serve Eusébio, aproveitou essa ocasião para apresentar ao juiz uma sábia apologia da religião cristã.

Tendo o juiz ouvido o santo confessar generosamente a fé de Jesus Cristo, mandou levá-lo de volta à prisão, com ordem de não lhe dar nenhuma espécie de alimento; mas, depois de o fazer jejuar longo tempo, ordenou que lhe servissem manjares delicados que haviam sido oferecidos aos ídolos, os quais o santo recusou constantemente, fundado nesta máxima: que não se devem comer carnes imoladas se disso resulta escândalo para os fracos ou se os pagãos o exigem como ato de idolatria. Levado pela segunda vez diante do juiz, persistiu sempre na confissão de Jesus Cristo, sendo em vão que se empregassem os maiores tormentos para alterar sua fortaleza; jamais se pôde tirar de sua boca outras palavras que estas: Sou cristão. Essas eram as únicas armas de que se servia para vencer, persuadido, diz São Crisóstomo, de que não é a eloquência a que em semelhantes casos alcança a vitória e de que o meio mais seguro de triunfar não é saber falar bem, mas saber amar bem. Alguns dizem que, tendo sido levado de volta à prisão, morreu ali; mas São Crisóstomo, que devia estar melhor informado que ninguém, nos assegura que foi decapitado. Rufino diz que foi degolado secretamente na prisão por ordem de Maximino, que não se atreveu a mandá-lo matar publicamente por causa do povo. Em suas Atas lê-se que fez muitos milagres e que, estando na prisão atado e deitado de costas, consagrou os divinos mistérios sobre o próprio peito e deu a comunhão aos fiéis que se achavam presentes.

É constante, pelo testemunho de São Crisóstomo e de alguns outros escritores antigos, que o martírio de Santo Luciano sucedeu em 7 de janeiro; e deve ter sido no ano de 312, porque sofreu durante a perseguição de Maximino, a qual terminou com a publicação do edito que, por volta de novembro do mesmo ano, deram em favor dos cristãos Constantino e Licínio. Seu corpo foi sepultado no povoado de Drepana, na Bitínia, segundo nos manifesta São Crisóstomo; neste lugar, pouco tempo depois, o imperador Constantino Magno mandou construir uma bela cidade, que chamou Helenópolis, do nome de sua mãe, e que isentou de toda espécie de contribuições para mostrar quanto honrava a memória do santo mártir. A igreja de Arles pretende ter as relíquias de Santo Luciano, fundada em uma antiga tradição que diz que, tendo-lhe sido enviadas do Oriente a Carlos Magno, este as mandou trasladar para uma igreja que edificou naquela cidade em honra do santo.

Martirológio Romano

Em Beauvais, na França, os santos mártires Luciano, presbítero, Maximiano e Juliano. Os perseguidores fizeram primeiramente morrer à espada os dois últimos. Santo Luciano, que tinha vindo às Gálias com São Dionísio, como persistisse em confessar de viva voz o nome de Jesus Cristo, sem cessar de fazê-lo mesmo depois de ser cruelmente açoitado, foi condenado ao mesmo suplício que seus companheiros.

Além disso, Santo Eugeniano, mártir.

Na Líbia, os santos mártires Teófilo, diácono, e Heládio, os quais, dilacerados primeiramente a açoites, depois esfregados com cacos agudos de vasilhas quebradas, foram por fim lançados ao fogo, onde entregaram sua alma a Deus.

Em Veneza, São Lourenço Justiniano, confessor e primeiro patriarca desta cidade, canonizado pelo papa Alexandre VIII pelos excelentes dons da ciência do céu e de uma sabedoria incomparável e sobrenatural de que Deus o havia enchido. Faz-se também menção dele no dia 5 de setembro.

Em Hierápolis, na Ásia, Santo Apolinário, bispo, que brilhou por sua santidade e sua doutrina sob o reinado de Marco Antonino Vero.

Em Nápoles, São Severino, bispo, irmão de São Vitorino mártir: depois de ter operado muitos milagres, morreu em paz, cheio de virtudes e de méritos. Em Pavia, São Máximo, bispo e confessor.

Em Metz, São Paciente, bispo.

Na Alemanha, perto dos confins da Baviera, da Caríntia e da Áustria, São Severino, abade, que pregou o Evangelho aos povos desta região, conhecida em outro tempo pelo nome de Nórica, e foi chamado seu apóstolo. Seu corpo, milagrosamente levado a Luculano, perto de Nápoles, foi dali trasladado ao mosteiro que leva seu nome.

Missa (oração)

A missa, a oração e a epístola são as mesmas do dia de Reis.

> **Latim:** *Deus, qui hodierna die Unigenitum tuum gentibus stella duce revelasti: concede propitius; ut qui jam te ex fide cognovimus, usque ad contemplandam speciem tuæ celsitudinis perducamur. Per eundem Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que neste dia revelastes aos gentios o vosso Unigênito, tendo uma estrela por guia, concedei-nos, por vossa bondade, que, já que vos conhecemos pela fé, cheguemos à contemplação de vossa inefável glória. Pelo mesmo Jesus Cristo, nosso Senhor.

Epístola

A epístola é a mesma do dia de Reis (dia 6).

Isaías 60,1-6

> **Latim:** [1] Surge, illuminare, Jerusalem, quia venit lumen tuum, et gloria Domini super te orta est. [2] Quia ecce tenebræ operient terram, et caligo populos ; super te autem orietur Dominus, et gloria ejus in te videbitur. [3] Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui. [4] Leva in circuitu oculos tuos, et vide : omnes isti congregati sunt, venerunt tibi ; filii tui de longe venient et filiæ tuæ de latere surgent. [5] Tunc videbis, et afflues ; mirabitur et dilatabitur cor tuum : quando conversa fuerit ad te multitudo maris ; fortitudo gentium venerit tibi. [6] Inundatio camelorum operiet te, dromedarii Madian et Epha ; omnes de Saba venient, aurum et thus deferentes, et laudem Domino annuntiantes.

Português: [1] LEVANTA-TE, esclarece-te, Jerusalém: porque chegou a tua luz, e a glória do Senhor naseeo sobre ti. [2] Por quanto eis-ahi cobrirão as trévas a terra, e a escuridade os povos: mas sobre ti nascera o Senhor, e a sua gloria se verá em ti. [3] E andarão as gentes na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento. [4] Levanta em roda os teus olhos, e vê: todos estes se tem congregado, elles vierão a ti: teus filhos virão de longe, e tuas filhas se levantarão de todos os lados. [5] Então verás tu, e estarás em asfluencia, e o teu coração se espantará, e se dilatará fora de si mesmo, quando se converter a ti a multidão do mar, vier a ti a fortaleza das nações: [6] huma inundação de récuas de camelos te cobrirá, de dromedarios de Madian e d'Efa: todos virão de Sabá, trazendo-te ouro e incenso, e anunciando louvor ao Senhor.

Reflexões

Cobrir-se-á a terra de trevas, e os povos de uma densa escuridão. Demasiadamente se havia cumprido essa funesta profecia nas espessas trevas da idolatria que cobriam quase todo o universo quando nasceu o Salvador. Esse Sol de justiça dissipou aquelas horríveis trevas e aquela noite escura por meio de sua claridade. Mas com quanta razão se poderá dizer, já não dos gentios, mas dos cristãos de nossos tempos, que muitos, e até a maioria, apagaram as luzes da fé, metendo-se voluntariamente nas trevas do espírito e do coração, pela desordem e pela corrupção de um e de outro? Desterraram-se as superstições do paganismo; mas que importa, se ocuparam o seu lugar as perniciosas máximas do mundo? À corrupção dos costumes logo se segue a falta de religião. Um coração desregrado enche a alma de espessíssimas trevas. Toda heresia, todo cisma teve princípio em alguma desordem, em algum vício. E não se poderá dizer que as alegrias mundanas, as profanas diversões se tornaram hoje como o ídolo da maior parte dos cristãos? Quase todos os seus votos se consagram a essa espécie de divindade. Não há gosto, não há inclinação senão por suas festas, por seus sacrifícios.

Já não são as diversões do mundo entretenimentos da decência e da razão. São exercícios de fadiga, em que as paixões zombam de nós, persuadindo-nos a seu capricho tudo quanto as lisonjeia. Já não se busca a diversão para desafogo do ânimo; busca-se para entreter a ociosidade, busca-se como ocupação principal, segundo as inclinações de um coração inconstante, com o qual brincam as próprias diversões. Sigamos, com a consideração, a vida lastimosa da maior parte dos mundanos e vejamos o que ela nos representa.

Uma contínua sucessão de jogos, de diversões e de passatempos faz a mais séria e quase a única ocupação das pessoas do mundo. Não se divertem para viver; vivem para divertir-se. Olham com uma espécie de compaixão os que, por gênio ou por serem algo mais cristãos, se mostram menos ansiosos por esses frívolos entretenimentos. Tem-se por desgraçado quem não é convidado para todas as festas, para todas as ocasiões de diversão. Que dor! Que grande trabalho não se achar em todas as funções! O cuidado de não saber como divertir-se, como ocupar uma hora, inquieta e desassossega. À mesa segue-se o passeio, ao passeio o jogo, ao jogo o baile, ao baile a cama, à cama uma missa a mais breve, à missa o ponto de encontro, a conversação, as rodinhas, a toalete, as visitas mais inúteis; a estas a mesa, e volta a mesma roda dos passatempos. Não é esta, em geral, a ocupação das pessoas do século? Não consiste sua imaginária felicidade em não ter sossego em nada e em estar em contínuo movimento?

Meu Deus! Esta é a vida de um cristão? E, no entanto, esta é a vida das gentes do mundo. Estes são aqueles entretenimentos honestos, aquelas diversões inocentes de que por pouco se pretenderá até fazer um mérito. Isso, em suma, é dizer que aquilo que destrói a moral do Evangelho, aquilo que aniquila a vida cristã, é hoje no mundo a vida que se usa entre os cristãos. O israelita se confunde com o babilônio; as mesmas diversões, os mesmos banquetes, os mesmos costumes, os mesmos entretenimentos. Isso de combater, isso de lutar, isso de vencer-se, isso de mortificar-se é conversa; não se trata mais que de fomentar, de nutrir, de contentar as paixões.

Uma vida ociosa, uma vida delicada é a que veio substituir aquela vida laboriosa, aquela vida penitente que Jesus Cristo quer que seja o caráter e o distintivo de seus filhos. A metade do tempo se passa em vestir-se, em compor-se, em adornar-se, em buscar modo de agradar aos demais; e a outra metade em procurar cada um o que a ele mesmo agrada. Em que escola, meu Deus, terão aprendido os cristãos essas lições de ociosidade e de delicadeza? Quem lhes terá ensinado a não ter outra ocupação que a de divertir-se, nem outro estudo que o de ninharias e bagatelas?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 2 de São Mateus, e o mesmo do dia 6.

Mateus 2,1-12

> **Latim:** [1] Cum ergo natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt Jerosolymam, [2] dicentes : Ubi est qui natus est rex Judæorum ? vidimus enim stellam ejus in oriente, et venimus adorare eum. [3] Audiens autem Herodes rex, turbatus est, et omnis Jerosolyma cum illo. [4] Et congregans omnes principes sacerdotum, et scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. [5] At illi dixerunt : In Bethlehem Judæ : sic enim scriptum est per prophetam : [6] Et tu Bethlehem terra Juda, nequaquam minima es in principibus Juda : ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. [7] Tunc Herodes clam vocatis magis diligenter didicit ab eis tempus stellæ, quæ apparuit eis : [8] et mittens illos in Bethlehem, dixit : Ite, et interrogate diligenter de puero : et cum inveneritis, renuntiate mihi, ut et ego veniens adorem eum. [9] Qui cum audissent regem, abierunt, et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usque dum veniens staret supra, ubi erat puer. [10] Videntes autem stellam gavisi sunt gaudio magno valde. [11] Et intrantes domum, invenerunt puerum cum Maria matre ejus, et procidentes adoraverunt eum : et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. [12] Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt in regionem suam.

Português: [1] TENDO pois nascido Jesus em Belém de Judá, em tempo do rei Herodes, eis-que vierão do Oriente huns magos a Jerusalem, [2] dizendo: Onde está o Rei dos Judeos, que he nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos a adorarlo. [3] E o rei Herodes ouvindo isto se turbou, e toda Jerusalem com elle. [4] E convocando todos os principes dos sacerdotes, e os escribas do povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Christo. [5] E elles lhe disserão: Em Belém de Judá: porque assim está escrito pelo profeta: [6] E tu Belém, terra de Judá, não és a de menos consideração entre as principaes de Judá: porque de ti sahirá o Conductor, que ha de commandar o meu povo d'Israel. [7] Então Herodes tendo chamado secretamente os magos, inquiriu d'elles com todo o cuidado, que tempo havia que lhes apparecêra a estrela. [8] E enviando-os a Belém, disse-

lhes: Ide, e informai-vos bem que menino he esse: e depois que o houverdes achado, vinde-mo dizer, para eu ir tambem adorarlo. [9] Elles tendo ouvido as palavras do rei, partirão: e logo a estrella, que tinham visto no Oriente, lhes apareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou sobre onde estava o menino. [10] E quando elles virão a estrella, foi sobremanceira grande o jubilo, que sentirão. [11] E entrando na casa, achárão o menino com Maria sua mãe, e prostrando-se, o adorárão: e abrindo os seus cofres, lhe fizeram suas offertas d'ouro, incenso, e myrrha. [12] E havida resposta em sonhos, que não tornassem a Herodes, voltárão por outro caminho para a sua terra.

Meditação

Do cuidado que Deus tem dos que o servem com fidelidade e confiança

Primeiro ponto

Considera que nada se pode temer quando se entrega o coração somente a Deus e se está sempre com Deus. Pode-se estar melhor do que servindo a tão grande amo? Se este Senhor toma a seu cargo os nossos interesses; se nos admite no número de seus amigos, quem nos poderá fazer dano? Nem que poderá faltar a quem tem de sua parte a Jesus Cristo? Se Deus está cheio de misericórdia mesmo para com os pecadores, que bondade será a sua com os que o servem deveras? Que ternura lhes professará? A pobreza, as perseguições, as enfermidades, as cruzes, a própria morte, tudo serve a quem serve a Deus: O Senhor cuida de mim, diz o Profeta, e nada me faltará.

Reflete no que se passou com os Magos. Buscam a Deus e o buscam de boa-fé. Jesus Cristo está escondido; não importa: nem por isso deixam de achá-lo. Ignoram o caminho e o lugar de seu nascimento, e cria-se um novo astro para que lhes sirva de guia. Forja o zeloso Herodes malignos intentos contra eles e contra o menino que buscam para adorá-lo, e um anjo os previne de que voltem por outro caminho. Se nós não experimentamos cada dia efeitos sensíveis de uma providência particular, é porque muitas vezes nos falta a confiança e a pureza de intenção. Não buscamos a Deus puramente e contamos demais com nossa prudência e com nossas medidas. Somos servos pouco fiéis. Busquemos a Deus sem rodeios, sirvamo-lo sem artifício, amemo-lo sem reserva, nada neguemos a Deus, e experimentaremos os efeitos de sua providência na necessidade. Sirvamos a Deus com fidelidade, e o serviremos com confiança.

Segundo ponto

Considera com que bondade provê o Senhor as necessidades de todos os que o servem. Que maravilhas não fez em favor de seu povo na saída do Egito! Todas foram figuras do que está fazendo cada dia com seus fiéis servos. Poucos há que no discurso de sua vida não tenham experimentado cem pequenos milagres da divina Providência. Sejamos nós povo seu, e

experimentaremos que ele é nosso Deus.

Que confusão, que vergonha a dos noivos quando se acharam sem vinho na mesa! Mas está nela Jesus Cristo? Assiste ali sua santíssima Mãe? Pois não há que temer. Ainda quando não pensem na falta os interessados, pensa nela a Senhora. E que faz? Não mais que representar puramente a seu Filho a necessidade: Não têm vinho. O mesmo praticaram as irmãs de Lázaro: Senhor, o que amas está enfermo. Deus bem vê o que nos falta, sem que seja necessário adverti-lo; mas quer que lho peçamos com confiança. Quantas vezes louvou ele mesmo a fé dos que pediam alguma graça? Não poucas vezes tarda em socorrer-nos, faz-se surdo, mostra-se duro a nossas súplicas. Não importa: tenhamos confiança, empenhemos sua Mãe, façamos tudo o que ele nos diz, e muito cedo acudirá sua providência a tudo o que nos falta.

Nossos arbítrios humanos, nossas medidas, nossa aparente prudência, muitíssimas vezes só servem para desconcertar a economia da Providência e são obstáculos aos desígnios de Deus. Outros serventes menos dóceis talvez teriam pensado que não era bom meio para ter vinho encher as vasilhas de água. Amemos a Deus; obedeçamos-lhe; tenhamos uma terna devoção com a santíssima Virgem, e sempre será eficaz nossa confiança.

Ó meu Deus, e que lástima se deve ter dos que vos servem mal e vos amam pouco! A dor que sinto de haver-vos servido tão mal até aqui seja, meu bom Jesus, fiadora do desejo que tenho de amar-vos de hoje em diante sem reserva. Vós, Senhor, conheceis todas as minhas necessidades. Virgem santa, doce Mãe minha, melhor que eu sabeis o que mais hei mister. Já me parece que minha confiança me está assegurando o socorro.

Jaculatórias

> *Dominus protector vitæ meæ, a quo trepidabo?* Sl 26.

Se o Senhor é meu protetor, de que nem de quem temerei eu?

> *Dominus regit me, et nihil mihi deerit.* Sl 22.

O Senhor me governa e nada me faltará.

Propósitos

1. Informa-te se em tua paróquia há alguma família honrada que esteja em necessidade, algum pobre enfermo, e não deixes de socorrer suas necessidades espirituais e temporais, visitando-o, consolando-o com tuas palavras e aliviando-o com tuas esmolas. Para animar-te a cumprir tua obrigação neste ponto, tem presente a caridade de Jesus Cristo ao tempo de exercitar a tua. Lembra-te de que, quando socorres o pobre, ao mesmo Cristo socorres. Em verdade vos digo que, sempre que fizerdes todas estas coisas com estes pequeninos que vedes aqui, comigo as fazeis. Que coisa mais clara nem mais precisa? Quer dizer que, falando com todo o rigor, quando socorres essa família honrada, quando visitas esse pobre enfermo, não é o enfermo nem a família, mas ao mesmo Cristo a quem dás essa esmola, a quem fazes este serviço. E é possível que, à vista disto, haja pobres entre os Cristãos! É possível que haja pessoas abandonadas, esquecidas em suas necessidades, vivendo em meio dos fiéis! Eis aqui uma coisa que apenas é fácil compreender. Jesus Cristo te pede esmola, e te pede para si mesmo; será necessário outro motivo?

2. Examina se cuidas como deves de teus criados e de tua família, se velas sobre seus costumes e sobre sua salvação, e se lhes dás tempo e lugar para que eles também atendam a ela. Tens cuidado de que sirvam bem a Deus os que te servem a ti? Se queres que Deus te provenha a ti em tuas necessidades, provê tu nas suas aos que te servem; paga-lhes exatamente os seus salários e faze o mesmo com todos os oficiais que trabalham para ti. Não deixes passar o dia sem teres cumprido essa indispensável obrigação.

[^1]: Santo Agostinho, *Sermão do Tempo*. [^2]: Era o bispo de Nicomédia: o nome de papa era então comum a todos os bispos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:36 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:36 by Admin